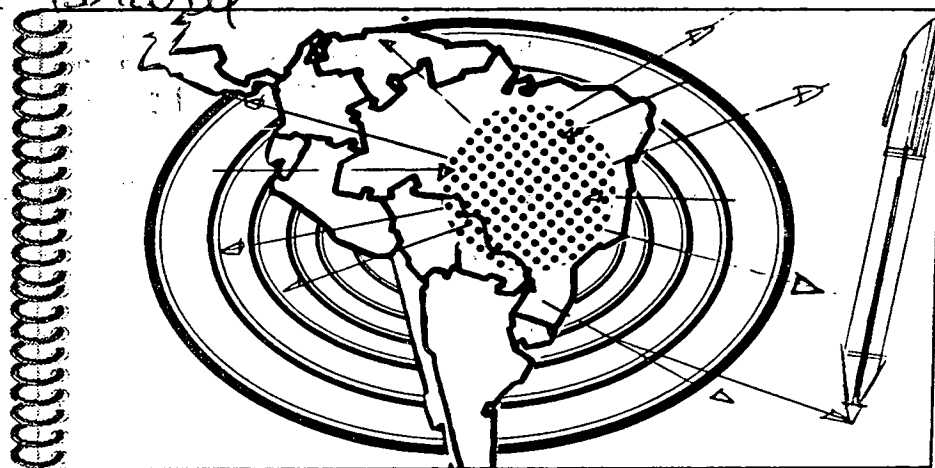


Eixos de desenvolvimento

Tudo indica que a economia brasileira poderá atingir um período de estabilidade duradoura se, no início do próximo mandato presidencial, conseguirmos formar alianças políticas que garantam a implementação de um conjunto de reformas político-institucionais para intensificar e consolidar os processos de privatização, de desregulamentação e de integração internacional competitiva. A partir deste momento, criam-se as condições necessárias para que possa se formar no país um novo ciclo de expansão econômica, absolutamente indispensável neste limiar do século 21 para a criação de quase dois milhões de novos empregos por ano. Mas onde a economia brasileira irá crescer?

Não temos mais a oportunidade de identificar um grupo de setores produtivos que, ao ser promovido, poderia garantir por si só a retomada do crescimento econômico brasileiro segundo sua trajetória histórica de 6% a 7% ao ano, como ocorreu nos diversos estágios do processo de substituição de importações de JK e Geisel. É evidente que há diversos projetos de investimento de infra-estrutura econômica, de modernização tecnológica e de expansão das unidades existentes que poderiam potencialmente puxar o crescimento da economia; mas nenhum se caracteriza como o carro-chefe para acomomo-



dar a intensidade indispensável a este crescimento.

Talvez seja razoável pensar que o novo ciclo de expansão da economia brasileira deverá ser comandado pela promoção de eixos espaciais de desenvolvimento, organizados em torno de grandes estruturas de diferentes formas de investimentos em transporte e energia, em áreas que apresentem vantagens competitivas internacionais para a exploração e beneficiamento de recursos naturais, renováveis e não-renováveis. Alguns exemplos podem ser ilustrativos: a) aproveitamento integrado dos recursos da Bacia do Ara-

guaia — Tocantins com a implantação das eclusas de Tucuruí, para se obter um longo trecho navegável para o transporte de excedentes produtivos; b) o uso integrado dos recursos naturais e energéticos do Vale São Francisco, consolidando experiências bem-sucedidas de agricultura irrigada; c) a identificação da melhor alternativa econômica para escoar pelo Pacífico a produção agrícola do Noroeste brasileiro; d) a complementação do complexo minero-metalúrgico-mecânico de Carajás, buscando alternativas energéticas compatíveis com o uso racional do ecossistema Amazônico; e) um programa de investi-

mentos em infra-estrutura física no eixo Manaus/Boa Vista, visando a conquistar o acesso aos mercados do Atlântico Norte e Caribe, assim como buscar maior competitividade estrutural da Zona Franca de Manaus; f) a reestruturação tecnológica e locacional da agroindústria do Sul do Brasil para enfrentar os desafios da concorrência no eixo de influência direta do Mercosul; g) a projeção de corredores de transporte ferroviário (como o do Centro-Leste) para dar competitividade internacional à nossa produção de grãos etc.

São grandes projetos de investimento — alguns já detalhadamente analisados e outros em nível de concepção inicial —, que exigem cuidados especiais com seus impactos ambientais, além de engenharia financeira criativa e não-inflacionária, num mundo à busca de oportunidades de investimento com rentabilidade sustentável. E, principalmente, necessitam de uma nova liderança política que não se perca dos emaranhados da macroeconomia de curto prazo e que tenha compromisso de dar à nossa população um nível de vida compatível com as grandiosas potencialidades do país.

* Ex-ministro da Fazenda do governo Itamar Franco